

INFORMATIVO

Publicação da
Associação Brasileira
do Agronegócio

abag

nº 108 – Ano 19 – Out - Nov - Dez /2017

Pesquisa constata que mulheres que atuam no agronegócio estão vencendo estereótipos e preconceitos

As mulheres que atuam nos diferentes elos da cadeia do agronegócio já romperam com os estereótipos e preconceitos. São gestoras competentes, trabalhadoras motivadas e bastante conciliadoras, pois transitam entre o campo e a cidade com a mesma desenvoltura que harmonizam carreira e família. Foram essas algumas das conclusões da pesquisa **“Todas as Mulheres do Agronegócio”**, encomendada pela **ABAG**, elaborada

pela empresa de pesquisa IPESO e divulgada durante o **2º Congresso Nacional das Mulheres do Agronegócio – Liderança Globalizada, Empreendedora e Integrada**, realizado no mês de outubro, em São Paulo.

O levantamento, que teve o patrocínio da Bayer, DuPont, Adama, Matsuda e Yara, revelou também que muitas exercem uma segunda atividade, demonstrando o



Cerca de mil mulheres participaram do 2º Congresso Nacional das Mulheres do Agronegócio

quanto são empreendedoras. Ao mesmo tempo, as entrevistadas disseram que buscam uma renda extra fora da propriedade para não abrirem mão da paixão pelo campo. O estudo constatou também que as mulheres do agronegócio são resilientes e não se contentam com a posição já conquistada e querem ir mais longe.

A maioria das 862 entrevistadas disse estar preparada para as posições de liderança – já conquistada por muitas – e que se interessa também por aprimorar conhecimentos sobre gestão empresarial, gestão de pessoas e finanças em detrimento de outros temas. A pesquisa revela um retrato atual e caracteriza um momento histórico do agronegócio brasileiro: a plena inserção feminina nas atividades executadas antes, dentro e depois da porteira, com o protagonismo tão sonhado pelas mulheres do campo há décadas. E, a julgar pelas características encontradas na pesquisa, em pouco tempo o estudo estará obsoleto, pelo dinamismo das mulheres do agronegócio e pela força de trabalho que já representam.

Levantamento, encomendado pela ABAG, envolveu 862 entrevistas em todo o país e revela uma empreendedora competente, motivada e bastante conciliadora

PRINCIPAIS RESULTADOS – Entre os dados revelados no levantamento, destaca-se que 49,5% das entrevistadas atuam em propriedades classificadas como minifúndio, 26,1% em pequenas propriedades, 13,5% em médias e 10,9% em grandes fazendas. Por tipo de atividade, 73,1% trabalham dentro das fazendas, 13,9% nos elos da cadeia produtiva “depois da porteira” e 13% “antes da porteira”. Em relação ao tipo de atuação, 73% das mulheres trabalham

nas atividades dentro da propriedade rural, 3,7% atuam em cooperativas, 3,4% operam na área de insumos, 3% são fornecedoras de produtos ou serviços para a cadeia do agro, 2,8% são do comércio, 2,3% estão em segmentos ligados a governos, e 2,1% trabalham em atividades nos vários segmentos da agroindústria. Quanto à posição ocupada no negócio, a maioria, 59,2% das entrevistadas, é proprietária ou sócia; 30,5% são funcionárias ou colaboradoras; e 10,4% são gestoras, diretoras, gerentes, coordenadoras ou atuam em funções administrativas.

Apesar de o levantamento ainda detectar algum preconceito em relação a atuação das mulheres no campo – 44,2% delas sentiram preconceito sutil, enquanto 30% acusam preconceito evidente –, um grupo grande (61,1%) disse não enfrentar nenhum problema de liderança por ser mulher. Um percentual menor (9,4%) destacou que não foi levada a sério, enquanto 8% afirmaram que sentiram desconfiança de outras pessoas com relação a sua habilidade no cargo; 11,7% perceberam dúvida do seu conhecimento; e 8,8% notaram desconfiança em relação a sua capacidade de negociar.

OPÇÃO PELO CAMPO – Na questão sobre as razões de escolher trabalhar na agropecuária, a pesquisa revelou que 36,2% das mulheres disseram ter optado pelo agronegócio por gostar da vida no campo, 34% afirmaram que já possuíam integrantes da família atuando na área, 15,6% já eram proprietárias ou sócias de propriedade rural, e 10,7% foram para o campo por ver na atividade uma oportunidade de trabalho.

Em relação a divisão das tarefas domésticas, a pesquisa constatou que 42,7% disseram que elas são divididas com os demais integrantes da família, enquanto 20,9% responderam que os familiares ajudam um pouco. Apesar de a maioria (64,1% das entrevistadas) não desejar ter filhos, 73,1% das que possuem filhos afirmaram que gostariam que os filhos continuassem com as atividades no agronegócio.

Sobre as perspectivas e o comportamento das mulheres do campo, o levantamento constatou que elas são conectadas com a maioria das modernas ferramentas de comunicação. Entre os principais instrumentos de comunicação, 92,9% utilizam o Facebook, 95,1% o WhatsApp, 68,8% o YouTube, 54,8% o Instagram e 65,3% o Messenger. A respeito dos assuntos sobre os quais as mulheres do campo mais gostariam de aprofundar seus conhecimentos, destacam-se temas relacionados com a formação profissional e ao trabalho: gestão de pessoas (56,8%); gestão empresarial (54,5%); Finanças (33%); e 27,3% negociação. Elas afirmaram se interessar também por: gastronomia (25,8%); tecnologia (20,1%); bolsa de valores (21,5%); e viagens (21,6%).

Por fim, sobre as principais preocupações da mulher do campo, os temas mais relacionados foram: estabilidade financeira (56,2%); sua saúde (53,6%); família (46,7%); equilíbrio entre vida familiar, profissional e social (38,4%); o futuro dos filhos (32,8%), e sua realização profissional (30,7%). Já sobre ambientes ou atividades que lhe dão maior satisfação, as respostas predominantes foram: família (73,2%); viagens (57,9%); trabalho (45,2%); e filhos



**Palestrantes do
Painel sobre Liderança
Globalizada no
2º Congresso Nacional das
Mulheres do Agronegócio**



Apesar de o levantamento ainda detectar algum preconceito em relação a atuação das mulheres no campo, 61,1% disse não enfrentar nenhum problema de liderança por ser mulher.

METODOLOGIA E ABRANGÊNCIA – O levantamento entrevistou 862 mulheres de todas as regiões do país, foi realizado nos meses de junho e julho de 2017, possui margem de erro de 3,3% e um nível de confiança de 95%. A amostra de pesquisadas contemplou mulheres que trabalham em atividades classificadas como “antes da porteira”, ou seja, todas as atividades incluídas na cadeia de suprimentos e serviços que atendem as propriedades rurais. Contemplou ainda as mulheres que atuam dentro das propriedades rurais e também aquelas que operam “depois da porteira”, nos negócios ligados a transporte, armazenagem, industrialização, distribuição e comercialização de produtos agrícolas.

O estudo aprofunda no tema da diversidade e atualiza os resultados da pesquisa Perfil da Mulher do Agronegócio Brasileiro realizada em 2016. Desta feita, o levantamento teve uma abrangência nacional, com distribuição da amostra em todas as regiões do país. As entrevistas, com duração média de 20 minutos, abordavam os seguintes temas: perfil da propriedade rural, setores de atuação, jornada de trabalho, família e sucessão, anseios e preocupações, além de valores, atitudes, interesses e opiniões.

PERFIL DAS MULHERES BRASILEIRAS NO AGRONEGÓCIO

49,5%
Trabalham em minifúndios



42,7%
Dividem as tarefas domésticas



54,4%
Moram na cidade



55,5%
Sentem-se totalmente preparadas



36,2%
Escolheram trabalhar porque gostam do campo

59,2%
São proprietárias ou sócias



56,2%
Se preocupam mais com a estabilidade financeira



ABAG recebe homenagem em evento comemorativo aos 10 anos do GTPS



Francisco Beduschi; Ruy Fachini Filho; Daniela Mariuzzo; Luiz Cornacchioni e Eduardo Bastos

O Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS) completou 10 anos e realizou um evento comemorativo durante a Intercorte 2017, no WTC Center, em São Paulo. No primeiro painel do evento foram discutidos os desafios da pecuária brasileira e do desenvolvimento sustentável. Participaram da mesa redonda o pesquisador do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Cepea/Esalq), Sérgio De Zen, Luiz Cornacchioni, da ABAG, Cleber Soares, da Embrapa e Coriolano Xavier, do Núcleo de Estudos do Agronegócio da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM).

Durante o debate, os palestrantes discutiram os impactos da crise vivenciada pela pecuária no início deste ano, em especial a imagem da carne brasileira no mercado internacional e a importância do relacionamento entre os elos da cadeia. Segundo o pesquisador Sérgio

De Zen, o futuro da pecuária brasileira é promissor e o envolvimento da sustentabilidade é um caminho sem volta. “A pecuária é um projeto de investimento. Nos últimos anos, por exemplo, o incremento da produtividade e o encurtamento no tempo de abate comprovam os avanços da cadeia de valor”, diz.

Esse tipo de organização é fundamental para que todos os setores tenham conhecimento e possam ponderar sobre as melhores medidas para o avanço da pecuária sustentável. “Precisamos vender melhor nosso produto, temos um Código Florestal moderno e produtores engajados em produzir com responsabilidade”, ressalta Luiz Cornacchioni, da ABAG.

No segundo painel, o tema abordado foi “O Engajamento da cadeia de valor no desenvolvimento da pecuária” e participaram da discussão Caio Penido do Grupo



Roncador, Taciano Custódio, da Minerva Foods, Thais Fontes, do Rabobank, Breno Félix, do Agrottools, Leonardo Lima, do Arcos Dorados, Ivens Domingos, do WWF Brasil e Beatriz Domeniconi do GTPS. Os dois primeiros painéis tiveram como moderador o jornalista do canal Terraviva, Tobias Ferraz.

O terceiro e último painel tratou do Papel das mesas redondas para a evolução contínua das cadeias de valor, foi moderado pelo gerente de risco socioambiental do banco Santander, Christopher Wells. Deste, participaram o presidente do GTPS, Ruy Fachini Filho, o presidente da Global Roundtable for Sustainable Beef (GRSB), Dennis Laycraft, o consultor externo no Brasil da Round

Table Responsible Soy (RTRS), Cid Sanches e o gerente de sustentabilidade da ABIOVE, Bernardo Pires.

A história de 10 anos do GTPS comprova que “consequimos produzir e avançar com a pecuária de forma consciente”, reforçou o presidente Ruy Fachini Filho.

O GTPS também prestou uma homenagem à ABAG “pela contribuição dada a cadeia de valor da pecuária brasileira, ao apoiar e confiar no trabalho do GTPS ao longo dos últimos dez anos”, diz a placa entregue pelo presidente do GTPS, Ruy Fachini Filho ao diretor executivo da ABAG, Luiz Cornacchioni.



O GTPS surgiu em 2007 como a primeira mesa redonda criada para discutir a produção de carne sustentável. O Grupo reúne representantes de todos os elos da cadeia de valor da pecuária bovina no Brasil. Estão representados o setor produtivo, as indústrias frigoríficas, empresas de insumos e serviços, instituições financeiras, varejos e entidades da sociedade civil.

Estudo revela que Brasil é um dos países mais eficientes no uso de terra e insumos agrícolas em função de sua alta produção

A apresentação foi feita por professor da Unesp durante o evento “Diálogo: Desafio 2050 e Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável”, realizado no dia 30 de novembro, em São Paulo

Estudo que relaciona o consumo total de defensivos agrícolas utilizados por área desmonta o mito de que o Brasil é líder no uso desse insumo e o coloca na sétima posição, atrás de vários países, com a liderança nesse caso ficando com o Japão. Quando se relaciona o total aplicado com a produção agrícola, o país passa a ser o 11º do ranking. A constatação é do professor Caio Carbonari, da Unesp de Botucatu, feita durante palestra no “Diálogo: Desafio 2050 e Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável”, evento promovido em São Paulo.

O encontro é uma iniciativa da FAO/ONU, EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, ABAG e ANDEF - Associação Nacional de Defesa Vegetal, e o objetivo é evidenciar a importância dos avanços científicos alcançados pela agricultura brasileira nas últimas décadas, fator que tem assegurado a contínua ampliação da produção brasileira de alimentos, fibras e energia, de maneira a consolidar a posição do país como principal fornecedor mundial de produtos de alta qualidade, seguros e produzidos de forma sustentável.

De acordo com o professor Carbonari, que participou do painel denominado Mitos e Fatos, existe muita informação discrepante nessa área. “A imagem que se cria do agrotóxico não tem conexão com a realidade, pois a agricultura brasileira só conseguiu ter o avanço que teve com tecnologia, inovação e o uso de diversos insumos,



entre eles os defensivos”, afirmou. “Necessitamos trabalhar com dados e informações científicas para pautar toda a discussão em torno do assunto”, complementou.

Na mesma linha do professor da Unesp falou a toxicologista Elizabeth Nascimento, que tratou do tema Segurança dos Alimentos. “Em termos científicos, tivemos um grande avanço nos últimos anos no que diz respeito a parâmetros sobre riscos de contaminação em alimentos. Temos hoje no país inúmeros instrumentos que podem nos dizer, com certeza, quanto podemos comer sem

correremos riscos. Claro que não existe risco zero e nem segurança absoluta”, observou Elizabeth, lembrando que é necessário ainda um esforço na área de comunicação para esclarecer o consumidor sobre essa realidade.

Sobre o tema “Reflexos da Alimentação na Saúde e Qualidade de Vida”, o endocrinologista Filippo Pedrinola salientou que é preciso se basear cada vez mais em fatos e menos em mitos. “Vivemos uma era que eu costumo chamar de terrorismo nutricional e demonização de alimentos, embasados em pseudociência”. No seu entender, a recomendação básica para ter uma alimentação mais adequada é fugir de dietas da moda, comer de forma mais consciente e evitar estresse.

Outro participante do evento, o presidente do Itai – Instituto de Tecnologia de Alimentos, Luis Madi, abordou as diferenças entre alimentos Orgânicos & Convencionais. Baseado em diversos estudos do próprio Itai e de outros órgãos, Madi assegurou que não há evidências científicas que sustentem vantagens nutricionais dos orgânicos sobre os alimentos convencionais. “O resultado disso é que temos um consumidor confuso e desorientado que acaba deixando de consumir alimentos seguros e de qualidade por achar que não fazem bem à saúde. Em relação aos orgânicos, o consumidor compra um produto acreditando que tem benefícios que efetivamente não possui. Ele está sendo enganado”, concluiu Madi.

Além do painel Mitos e Fatos, o evento contou ainda com duas palestras que analisaram o atual estágio e o futuro do Desafio 2050. Na primeira, o representante da FAO no Brasil, Alan Bojanic, sustentou que os mais recentes estudos da ONU indicam que a população mundial deverá atingir a marca de 9,8 bilhões pessoas em 2050, estabilizando-se apenas em 2100, quando deverá atingir 11,2 bilhões. “Dessa forma, o volume total de alimentos a ser produzido no mundo deverá crescer em 70%, alcançando a marca de 2,6 milhões de toneladas de grãos. Desse total, 8% deverá ser fornecido pelo Brasil”, informou Bojanic.

Na outra palestra, Carla Branco, Diretora de Relações Institucionais do Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS) destacou as ações voltadas para a sustentabilidade que a ONG tem colocado em prática no Brasil dentro da agenda dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. “Todas as iniciativas são na direção de uma agricultura mais sustentável, com

redução de resíduos no solo e também do desperdício de alimentos”, comentou Carla.

O tema do desperdício foi abordado com mais profundidade em outra palestra proferida por Bojanic. “Temos como meta, até 2030, reduzir pela metade as perdas e desperdícios de alimentos no mundo, que atualmente estão na marca de 1,3 bilhão de toneladas, o que daria para alimentar aproximadamente 795 milhões de pessoas que são desnutridas”, ponderou o representante da FAO no Brasil.

Falando sobre a temática Produzir com Qualidade e Quantidade, o presidente da Cocamar Cooperativa Agrícola, Luiz Lourenço, trouxe exemplo de sistemas produtivos que recupera áreas degradadas. “Há exemplos de pecuaristas no interior do Paraná que conseguiram ampliar em até três vezes a produtividade do gado de corte apenas com práticas de recuperação de áreas degradadas”. Segundo ele, a estimativa é de que o Brasil possua cerca de 50 milhões de hectares de áreas que podem ser recuperadas para o plantio.

O encerramento do evento foi feito pelo presidente da Embrapa, Maurício Lopes, que abordou o tema Caminhos para Chegar em 2030 e em 2050. No seu entender, o Brasil deve utilizar iniciativas como o Código Florestal ou o programa de Agricultura de Baixo Carbono como uma verdadeira marca de país sustentável. “Temos de mostrar ao mundo que tivemos a coragem de adotar uma política na qual os produtores agrícolas destinam 20% de suas áreas para preservação ambiental. Nenhum outro país do mundo tem isso para oferecer. Essa deveria ser uma marca a ser trabalhada pelo Brasil no exterior”, concluiu.



Caio Carbonari, professor da Unesp de Botucatu

Sinais de recuperação autorizam projeção de expansão de 3% para o PIB de 2018

Há uma convergência de dados positivos sobre os principais indicadores da economia brasileira apontando consolidação da retomada econômica e também boas perspectivas para o próximo ano, com uma evolução que pode chegar a casa dos 3% para o Produto Interno Bruto (PIB). A análise é dos economistas da MB Associados, consultoria que mensalmente traça cenários econômicos e políticos para orientar as ações e iniciativas da ABAG. De acordo com a mais recente avaliação dos especialistas, a produção industrial no acumulado de 12 meses até setembro já apresentava elevação de 2,2%, com destaque para a indústria de fumo, que crescia 22,4% no acumulado; a de equipamentos eletrônicos, com alta de 20,7%; e veículos automotores, que registrava aumento de 13,9%.

O desempenho das vendas de veículos, por ser um dos setores mais dinâmicos da economia, merece destaque especial, uma vez que, segundo dados da Fenabrave – Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores, a média de emplacamento de veículos novos por dia útil começou o ano na casa de 5.066 unidades, veio crescendo ao longo do ano e fechou setembro na marca de 9.557 veículos emplacados por dia. A avaliação da MB é de que, se o crescimento mensal se mantiver na casa de 14% até o fim do ano, o segmento fecha 2017 com uma expansão de 10%, índice bem superior as projeções feitas no início do ano, que apontavam um crescimento de 4%.

Outro indicador que reforça a ideia de que a recuperação econômica se consolida é o Índice de Atividade Econômica

Regional feita pelo Banco Central. Na última parcial consolidada em agosto do acumulado em 12 meses, as regiões Sul e Centro-Oeste já registravam desempenho positivo, respectivamente de 1,1% e 0,79%. É animadora também a evolução do índice de volume de vendas no varejo, calculado pelo IBGE. Na comparação do mês de agosto em relação ao mesmo mês de 2016, o indicador revela aumento de 3,6%.

Igualmente são promissores os dados acumulados até setembro do Caged – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, pois revelavam ganhos de 72 mil postos de trabalho na indústria, de 94 mil no setor de serviços e de 97 mil na agropecuária. Há sinais favoráveis também no crescimento do salário médio real: ainda de acordo com o Caged, o crescimento acumulado em 12 meses até setembro registrava aumento de 3,5% para os trabalhadores do setor de serviços, expansão de 3,4% na agricultura e de 3,4% no comércio. Até o crédito exhibe parâmetros de crescimento. De acordo com informações do Banco Central, no acumulado de 12 meses até agosto, o crédito pessoal já exibia crescimento de 3,15%, sem contar o crédito para financiar veículos, que subia 8,29%.

Em função desse aquecimento, os analistas da MB projetam uma leve elevação da taxa de inflação no próximo ano. Para eles, a taxa do IPCA de 2018 deve ficar em torno de 4,2%, contra os 2,9% esperados para o fechamento de 2017. Já para o câmbio, os prognósticos são de poucas mudanças: dos R\$ 3,18 deste ano, para 3,39 no final de 2018.

AGRADECIMENTO

A ABAG agradece a confiança das empresas que ingressaram como sócias da entidade em 2017:

**AGCO DO BRASIL; ABISOLO; BRG BRASIL; CITRUSBR; CME GROUP; COFCO BRASIL;
ERNEST & YOUNG ASSESSORIA EMPRESARIAL; HUB TALENT; LABWARE BRASIL; MICHELIN; PARALLAXIS;
PBF POLIFILM DO BRASIL; STOCHE FORBES e VAZ BURANELLO**

Balança comercial US\$ bilhões

Ano	Brasil			Agronegócio		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
2010	201,9	181,7	20,1	76,4	13,4	63,0
2011	256,0	226,2	29,7	94,9	17,5	77,4
2012	242,5	223,1	19,4	95,8	16,4	79,4
2013	242,1	239,6	2,5	99,9	17,0	82,9
2014	225,1	229,0	-4,0	96,7	16,6	80,1
2015	191,1	174,1	19,6	88,2	13,1	75,1
2016	185,2	137,5	47,6	84,9	13,6	71,3
2017*	183,4	125,0	58,4	82,0	11,8	70,2

Fonte: Secex/ Agrostat *Parcial

Vendas de Defensivos Agrícolas

Ano	Produto Comercial (t)	Ingrediente Ativo (t)	Valor US\$ milhões
2009	725.577	335.742	6.625
2010	708.592	342.580	7.303
2011	730.627	345.026	8.487
2012	823.226	346.583	9.710
2013	902.408	367.778	11.454
2014	914.220	352.336	12.248
2015	887.872	395.646	9.608
2016	879.242	377.176	9.560

Fonte: Sindiveg

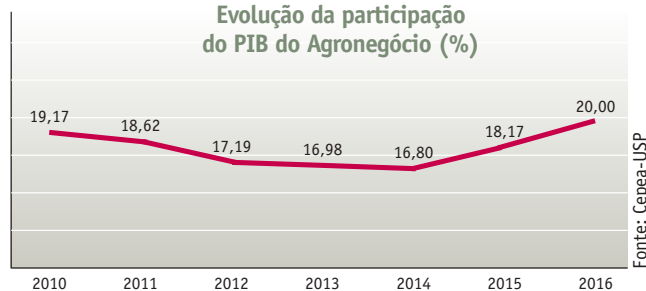
Vendas de Fertilizantes

Ano	milhões de t
2009	22,40
2010	24,51
2011	28,32
2012	29,25
2013	30,70
2014	32,20
2015	30,20
2016	34,08
2017	28,79

Fonte: Anda

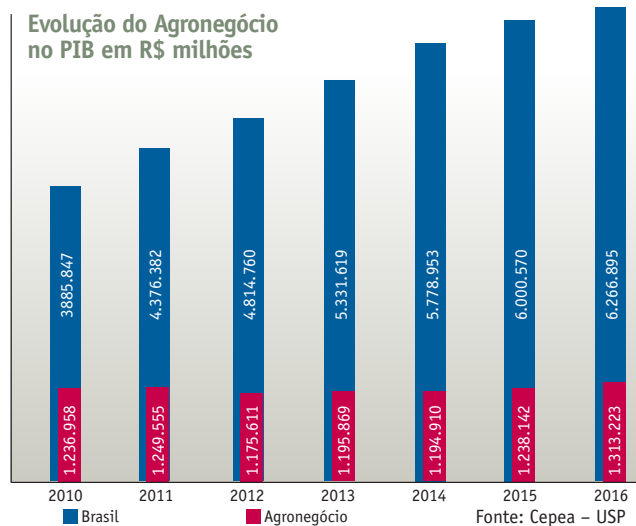
Agronúmeros

Evolução da participação do PIB do Agronegócio (%)



Fonte: Cepea-USP

Evolução do Agronegócio no PIB em R\$ milhões



Fonte: Cepea - USP

Vendas de Máquinas Agrícolas - Unidades

Ano	Tratores de roda		Tratores de esteira		Cultivadores Motorizados		Colheitadeiras	
	Internas	Externas	Internas	Externas	Internas	Externas	Internas	Externas
2009	45.437	12.344	618	775	1.759	39	3.817	1.231
2010	56.420	14.171	878	1.754	1.807	128	4.549	2.261
2011	52.296	12.620	1.022	2.460	1.307	27	5.343	2.390
2012	55.819	12.167	1.062	2.265	1.348	39	6.278	1.238
2013	65.089	11.182	942	1.580	1.618	10	8.539	1.140
2014	55.623	9.412	835	1.869	1.567	5	6.330	1.031
2015	37.381	7.338	380	885	1.059	82	3.917	383
2016	35.956	6.277	302	980	747	83	5.408	529
2017	31.839	7.048	237	1.452	491	74	3.347	783

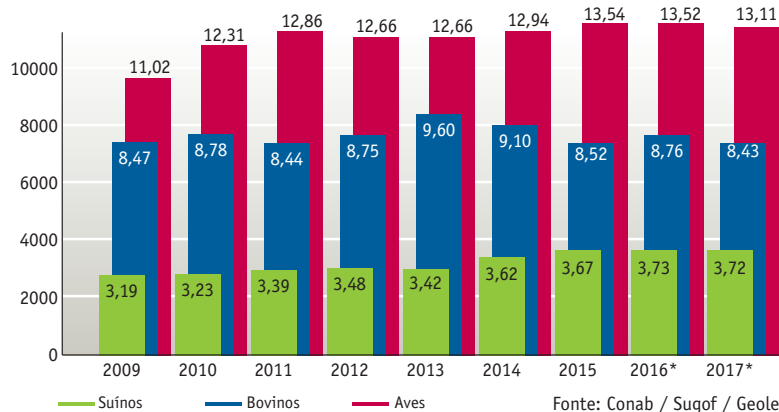
Fonte: Anfavea

Produção de Rações

Ano	milhões de t
2009	58,4
2010	61,5
2011	64,6
2012	63,0
2013	62,6
2014	65,0
2015	69,7
2016	70,0*
2017	72,4**

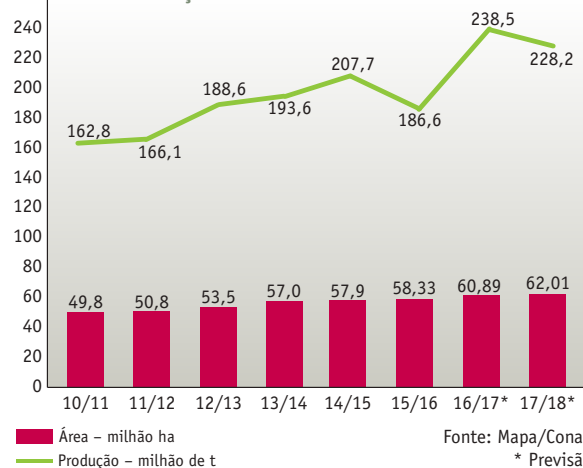
Fonte: Sindirações
*Estimativa
**Previsão

Produção de Carnes milhões de t



Fonte: Conab / Sugof / Geole
*Estimativa

Área e Produção de Grãos



Fonte: Mapa/Conab
* Previsão



EXPEDIENTE - Publicação oficial da Associação Brasileira do Agronegócio - ABAG. Presidente: Luiz Carlos Corrêa Carvalho, Vice-presidente: Francisco Matturo. Diretores: Alexandre Enrico Silva Figliolino, André Souto Maior Pessoa, Carlos Aguiar Neto, Christian Lohbauer, Eduardo Daher, Ingo Ploger, Luiz Lourenço, Marcello Brito, Marcos da Rosa, Mário Von Zuben, Paulo Renato Herrmann, Pedro Barros Barretos Fernandes, Urbano C. Ribeiral, Valéria Militelli, Valmor Schaffer e Weber Porto. Diretor Executivo: Luiz Cornacchioni. Jornalista Responsável: Gislaíne Balbinot, MTBo65/MS. Apoio: Mecânica de Comunicação. Fotografia: César Cinato e Gerardo Lazzari. Projeto Gráfico: Mister White. Impressão Gráfica: Landgraf. Tiragem: 1.600 exemplares.

CONTATO ABAG: Av. Paulista 1754 - cj 147
São Paulo/SP - 01310-200 - Fone/Fax (11) 3285-3100
E-mail: abag@abag.com.br - Site: www.abag.com.br
twitter: @abag_brasil
Facebook: ABAG - Associação Brasileira do Agronegócio

Que 2018 seja um ano de renovação, superação e de prosperidade para que o agronegócio continue produzindo e fornecendo alimentos, fibras e energia para as famílias brasileiras.

Um novo ano de
muita saúde, alegria
e paz para todos.
São os votos da ABAG!

Boas festas!



www.abag.com.br